

## **Instituto Cultural Judaico Marc Chagall: um espaço de memória**

Eduardo Santos Chaves

### **Resumo:**

A comunicação abordará as duas fases que compreendem a história do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), criado em 1985 e sediado em Porto Alegre. Em sua primeira fase, o ICJMC apresentava dentre seus objetivos: promover a realização de estudos e pesquisas sobre a comunidade judaica do RS e do Brasil, no que se refere às suas singularidades sociológicas e culturais e dar suporte documental e iconográfico a pesquisas que visem abordar o enfoque judaico. Foi um decênio de realizações e de afirmação da instituição. Atualmente, o ICJMC mantendo os mesmos objetivos, apresenta um novo perfil, centrado no Departamento de Documentação e Memória agregou-se a palavra de ordem *documentação*. Tornou-se um espaço por excelência de memória, da pesquisa e de realizações de eventos.

**Palavras-chave:** História Institucional – Acervos – Judeus

Em 25 de novembro de 1985, às 19 horas, nas dependências do Teatro São Pedro em Porto Alegre, instalou-se a Assembléia Geral de Constituição da sociedade civil “Instituto Cultural Judaico Marc Chagall”. Dentre os objetivos da nova instituição criada estava “(...) a difusão da contribuição judaica para a cultura, o desenvolvimento de suas formas de expressão, a realização de estudos e pesquisas e o fomento de intercâmbio cultural”<sup>1</sup>.

Para a inauguração foi aberta uma exposição de litografias originais de Marc Chagall e foi apresentado um concerto do conjunto de cordas da Orquestra Sinfônica Brasileira, do Rio de Janeiro, sob a regência do maestro Isaac Karabichevsky. Também estiveram presentes na solenidade membros da embaixada de Israel no Brasil e nomes de expressão nacional que integravam seu Conselho Curador.

A constituição do ICJMC marcava em Porto Alegre o surgimento de uma nova instituição cultural, que escolheu como seu patrono o pintor Marc Chagall, de inestimável contribuição para a cultura ocidental e cuja, obra sempre evidenciou de forma nítida suas vivências enraizadas na tradição judaica.

---

<sup>1</sup> Ata de Constituição, 25/11/1985, Porto Alegre/RS, p. 02.

A necessidade da criação do Instituto nasceu da falta de um organismo/instituição que divulgasse a cultura judaica para a comunidade em geral. “Freqüentemente, muitas contribuições para o enriquecimento cultural da humanidade não chegam ao conhecimento da comunidade mais ampla como resultantes ou expressões da cultura judaica”, explica Mauro Knijnik, presidente do ICJMC na ocasião de sua inauguração<sup>2</sup>.

As instituições judaicas em Porto Alegre, no contexto da década de 1980, geralmente tinham como finalidade principal à promoção da cultura judaica internamente. Diferentemente, a proposta do ICJMC é promover e estimular o reconhecimento da identidade judaica através de atividades e projetos dentro e fora da comunidade judaica.

A estrutura do ICJMC era constituída de um conselho curador, uma diretoria e seis câmaras, a quem era incumbida à coordenação de diversas áreas: Letras, Artes, Ciências e Tecnologia, Musica e Teatro, Ciências Sociais e Memória e Cultura Judaica. É sobre esta última que discorro.

A câmara de Memória e Cultura Judaica teve como um de seus principais projetos a constituição de um acervo de História Oral, inicialmente denominado “Preservação da Memória Judaica”. Este intento tinha como proposta “(...) desvendar histórias individuais da comunidade judaica do RS”<sup>3</sup>, a partir de entrevistas que seriam transcritas e ficariam arquivadas.

Este projeto iniciou suas atividades em dezembro de 1986, contando nesta época com um número reduzido de pesquisadores que visitaram (e muitas vezes revisitaram) imigrantes e/ou descendentes de imigrantes, sobreviventes de guerra e outros membros da comunidade judaica gaúcha, cujas histórias eram fundamentais para a constituição do acervo.

O foco das primeiras entrevistas estava centrado no contexto, no evento, eram histórias de vida, como afirma Queiroz 1988, as quais oferecem “(...) maiores possibilidades, pois o pesquisador pode explorar as relações de história individual com o contexto social, permitindo,

---

<sup>2</sup> Mauro Knijnik, Zero Hora, 24/11/1985, p. 30.

<sup>3</sup> Histórias de Vida, Volume I, 1992.

como nenhuma outra técnica, apreender a influência mediadora dos pais, dos grupos de vizinhança, da escola e de outros grupos”<sup>4</sup>.

Ao longo do trabalho percebeu-se o crescimento do número de entrevistados e a rapidez com que as transcrições eram finalizadas, fazendo com que a Diretoria do ICJMC transformasse as atividades do projeto em permanentes. Essas iniciativas da diretoria do ICJMC resultou em 1988 na transformação do projeto em um Departamento de Memória. Com um maior número de pesquisadores e de entrevistados sabe-se que houve um salto de entrevistas entre os fins de 1986 e 1992. Até os anos de 1988/1989, 259 (duzentos e cinquenta e nove) depoimentos foram realizados e transcritos, passando para 400 (quatrocentos) no ano de 1992<sup>5</sup>.

A opção metodológica utilizada foi a História Oral, considerando que dispomos de depoentes das primeiras gerações de imigrantes, além de que esta escolha é valorizada nos meios acadêmicos, destacava a coordenadora do Departamento de Memória, Marlene Kulkes<sup>6</sup>. Seguiam-se as técnicas de gravação, transcrição, digitação, para depois a criação de um sumário que viabilizasse e facilitasse o acesso de pesquisadores ao acervo. Em relação aos depoimentos, sabe-se que eram de:

(...) pessoas dos vários segmentos da comunidade, inclusive aquelas que são normalmente esquecidas, mas cuja narrativa é essencial para traçar o perfil da história cotidiana dos povos. Suas narrativas reproduzem costumes e vivências, levantam aspectos polêmicos, esclarecem pontos obscuros (...). Contam-nos da infância e da velhice, da imigração e da aculturação, da vida religiosa, da vida doméstica e profissional, dos sentimentos, das ações e das interações com a sociedade em que se inseriam. (Histórias de Vida. Vol. I, p. 8).

Eram experiências, que “(...) até então eram consideradas ‘histórias da vovó’ e que se encontrava restrita ao círculo familiar (...)”<sup>7</sup>, mas que abria-se para o conhecimento de um público maior.

---

<sup>4</sup> QUEIROZ, Maria Isaura P. de. “Relatos Oraís: do ‘indizível’ ao ‘dizível’”, In: Ciência e Cultura, 239. P. 273.

<sup>5</sup> Histórias de Vida, Vol. II, p. 8.

<sup>6</sup> Histórias de Vida, Vol. I, p.8, 1992.

<sup>7</sup> MOSCOVICH, Sandra Lemchen. Histórias de Vida, introdução, p. 8.

A História Oral, nesse sentido, é um dentre diversos procedimentos metodológicos de construção de construção do conhecimento histórico. Conforme Portelli, “tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo depois de reunidos” (PORTELLI, 1991, p. 16)

Nos anos de 1990, Acervo de História Oral do ICJMC estava inserido no círculo de Programas de História em centros de pesquisa fora das universidades. Além do ICJMC, outros programas tomavam-se referência no país, como o Programa de Memória da Saúde da Fundação Oswaldo Cruz e aqueles que visavam recuperar a memória de grandes empresas estatais ou agências governamentais, como o Centro de Memória da Eletrobrás.

Ao desenvolvimento das atividades de preservação da memória judaica, a partir de depoimentos, somou-se, como conseqüência, a constituição de um Acervo de Documentos nos inícios de 1990. Em realidade, eram documentos pessoais e/ou institucionais que estavam sendo paulatinamente doados ao ICJMC, como fotos, passaportes, salvo-condutos e objetos, que, em sua maioria, lembravam as épocas da imigração judaica para o RS nos inícios do século XX. Essa documentação reunida, de acordo com a coordenação do projeto em 1992, oferecia condições a pesquisadores e interessados em geral de utiliza-la para fins científicos. Era uma das funções do ICJMC para com a comunidade em geral, “Este acervo é agora um patrimônio à disposição do meio acadêmico e dos interessados nesta área e, através dele, desejamos estimular o estudo e o conhecimento sobre os judeus brasileiros”<sup>8</sup>.

Agregando documentos ao acervo, o nome foi modificado para Departamento de Documentação e Memória. Não somente depoimentos, mas documentos foram organizados em acervos e catalogados. Em quase cinco anos de existência, o Departamento formou mais de mil e quinhentos documentos, oitocentas fotografias, quinhentos livros, além de vídeos, discos e objetos<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Histórias de Vida, Vol. I, p. 8, 1992.

<sup>9</sup> MOSCOVICH, Sandra Lemchen. Histórias de Vida, introdução, p. 8.

Passados alguns anos, o ICJMC fechou suas portas e a documentação oral e escrita ficou fechada à pesquisa. Faz poucos anos que reaberto, o ICJMC somente com o Departamento de Documentação e Memória iniciou novamente seus trabalhos com outra faceta. Neste momento o Departamento de Documentação e Memória do ICJMC está reduzido a um espaço menor, agregando o acervo de História Oral e o acervo de Documentação. Em relação ao último, tem-se hoje a organização e catalogação de diversos acervos, dentre os quais os das instituições judaicas da comunidade de Porto Alegre, como por exemplo, o acervo Centro Israelita Porto-alegrense, acervos particulares de Herbert Caro e Joseph Halpern e arquivos menores, com poucos documentos.

Ao acervo de História Oral, além das 250 (duzentas e cinquenta) entrevistas que foram trabalhadas nos momentos anteriores, em torno de mais de duas centenas e meio já foram elaboradas, transcritas e agregadas ao acervo. Porém muitos desses depoimentos não obedeceram ao projeto inicial, de histórias de vida. Alguns estão ligados a projetos de pesquisadores, que buscavam outras questões que não aquelas vistas anteriormente. Outros depoimentos ainda continuam sendo coletados e trabalhados, mas obedecendo a um sistema informatizado, ora em curso, permitindo um acesso mais fácil aos conteúdos. Isso também se reflete no acervo documental, o qual está sendo organizado em catálogos para proporcionar maior acesso aos pesquisadores<sup>10</sup>.

No momento, por exemplo, o DDM/ICJMC, sob a coordenação da pesquisadora Ieda Gutfreind, conta com um projeto que busca recuperar fragmentos da história das comunidades judaicas do interior do RS<sup>11</sup>. As entrevistas têm como finalidade principal questionar a vida desses judeus nas cidades do interior, as atividades sociais, culturais, econômicas e religiosas nas comunidades de Santa Maria, Passo Fundo, Erechim, Rio Grande, Pelotas, Cachoeira do Sul e Cruz Alta. Assim também ocorre em relação ao projeto que busca historiar o *Grêmio Sportivo Israelita*, entidade desportiva criada nos anos de 1950. Partindo, principalmente, de ex-atletas a iniciativa já conta com significativos depoimentos que configuram a busca pela preservação da

---

<sup>10</sup> Implantação de um software.

<sup>11</sup> Projeto: “Coletividades Judaicas no Interior do Rio Grande do Sul: Santa Maria, Passo Fundo, Erechim, Rio Grande, Pelotas, Cachoeira do Sul e Cruz Alta”.

identidade judaica e aquilo que Pierre Nora chama de lugares da memória. Nora afirma que não existe memória espontânea e que a necessidade dos homens de alimentarem a história com os resquícios do passado e de constituírem e manterem os referidos lugares da memória traduzem a busca, pelo ser humano, da eternidade e da identidade social. (NORA, 1993. p. 16).

O Instituto Cultural Judaico Marc Chagall teve e tem como proposta preservar e divulgar a história e a memória judaica. Seus objetivos atualmente estão inseridos nas seguintes colocações de Le Goff: “tanto a História como a memória, apesar de distintas, possuem um substrato comum: são antídotos do esquecimento. São fontes de imortalidade. Em decorrência são também espaços de poder”. (LE GOFF, 2003. p. 07-08).

### **Referências Bibliográficas**

Catálogo de Histórias de Vida do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, Volume I e II, 1992.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, n. 19, pp. 219-220. set. 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos Oraís: do ‘indizível’ ao ‘dizível’. In: *Ciência e Cultura*, 239, pp. 272-286.